E SE LHE DESSEMOS â€œUMA MALHAâ€•?...

24-May-2009

Prossegue hoje o julgamento de Fernando Ruas acusado pelo MinistÃ©rio PÃºblico do crime de incitaÃ§Ã£o Ã violÃªncia. Nesta segunda sessÃ£o do julgamento serÃ¡ ouvido o registo Ã¡udio da sessÃ£o da Assembleia Municipal de 26.06.2006, | onde Fernando Ruas instigou reiteradamente os presidentes de Junta a â€œcorrerem Ã pedradaâ€• com os vigilantes da natureza do MinistÃ©rio do Ambiente, na sequÃªncia da queixa do autarca de uma freguesia ruralÂ autuado por aqueles fiscais por ter colocado umas manilhas sem autorizaÃ§Ã£o.

Em boa verdade aquela nÃ£o foi a primeira vez que Fernando Ruas instigara os presidentes de Junta a correrem com os fiscais do ambiente. Eu prÃ³prio, num debate durante a Ãºltima campanha autÃ¡rquica, o acusei disso mesmo, cara a cara, baseado no testemunho pÃºblico, nÃ£o desmentido, de um deputado municipal da oposiÃ§Ã£o. A grande diferenÃ§a Ã© que desta vez as palavras de Ruas foram captadas pela reportagem da RÃ¡dio Noar. E o que os ouvintes desta rÃ¡dio ouviram nÃ£o deixa margem para interpretaÃ§Ãµes dÃºbias: â€œCorram-nos Ã pedrada! A sÃ©rio. Estou a medir muito bem aquilo que digo. Arranjem lÃ¡ um grupo e corram-nos Ã pedrada!â€•.

Na primeira sessÃ£o do julgamento, no passado dia 14,Â Ruas reafirmou que tinha falado em sentido figurado. Mas garantiu que se fosse hoje, teria utilizado outra expressÃ£o; por exemplo, â€œdÃªem-lhes uma malhaâ€•. E tentou justificar este brilhante lance defensivo com a â€œboutadeâ€• do ministro Santos Silva quando disse que gostava de â€œmalhar na oposiÃ§Ã£oâ€•. Claro que â€œmalhar na oposiÃ§Ã£oâ€•, em abstracto,Â sÃ³ pode ser entendido em sentido figurado. â€œMalharâ€• tanto pode significar â€œbaterâ€• como â€œdizer mal, censurarâ€•.Â Mas â€œdar uma malhaâ€• a alguÃ©m em particular jÃ¡ Ã© diferente (a expressÃ£o â€œdar uma malhaâ€• significa â€œdar uma sova, ou tareiaâ€•), embora nÃ£o seja tÃ£o concreto como â€œcorrer Ã¡ pedradaâ€•. Que pensaria Ruas se me ouvisse desafiar os viseenses a darem-lhe uma malha? Claro que o tÃ-tulo desta crÃ³nica Ã© uma provocaÃ§Ã£o em sentido figurado: estou apenas a incitar os leitores a nÃ£o votarem em Fernando Ruas, dando-lhe assim uma â€œmalhaâ€• eleitoral.

â€œCorrer Ã pedradaâ€• Ã© uma expressÃ£o que nÃ£o tem nada de alegÃ³rica, ainda por cima quando se tem o cuidado de aconselhar fazÃª-lo em grupo. A prova Ã© que depois de Ruas a ter proferido, os vigilantes da natureza (segundo o testemunho de Rui Nobre ao jornal PÃºblico) defrontarem-se com situaÃ§Ãµes de violÃªncia em MortÃ¡gua, Santa Comba DÃ£o e Viseu, tendo que recorrer, por vezes, ao apoio da GNR para cumprir a sua missÃ£o de salvaguarda do ambiente. Estranhamente, estes funcionÃ¡rios nÃ£o foram ainda chamados a depor. Ainda assim, um presidente de Junta, no seu depoimento como testemunha, terÃ¡ dito que entendeu as palavras do presidente da CÃ¢mara Municipal, como um convite para dialogarem com os fiscais. O que levou o juiz a observar que a lÃ-ngua portuguesa, alÃ©m de traiÃ§oeira, ainda tem a particularidade de ter palavras que significam uma coisa e o seu contrÃ¡rio. AliÃ¡s, tal esquizofrenia linguÃ-stica parece ter alastrado por alguns louvaminheiros, como aquele jornal que colocou na primeira pÃ¡gina, em grandes parangonas ao lado da foto do presidente da CÃ¢mara: â€œAutarcas do PS defendem Ruasâ€•, o que jÃ¡ mereceu o desmentido de Ribeiro de Carvalho, o deputado do PS que protestou atempadamenteÂ contra â€œo excesso de linguagemâ€•Â deÂ Ruas, e de quem o tal jornal disse ter â€œconfessadoâ€• que tais excessos sÃ£o habituais nas discussÃµes mais acaloradas da Assembleia Municipal. Naturalmente, nÃ£o se tratou de uma â€œconfissÃ£oâ€•, mas de uma acusaÃ§Ã£o a Ruas, useiro e vezeiro nas agressÃµes verbais, como naquela vez que disse Ã deputada do Bloco de Esquerda que â€œse fosse um homem, responder-lhe-ia de outra formaâ€•.Â Â Â

O autarca de Silgueiros, AntÃ³nio Coelho, versado em linguÃ-stica, disse no tribunal que Ruas, na referida reuniÃ£o da Assembleia Municipal, utilizou â€œ11 vezes a ironia e 18 frases feitas ou provÃ©rbios.â€• EstÃ¡ agora explicado por que razÃ£o uma Universidade Polaca distinguiu Ruas pelo contributo para a dinamizaÃ§Ã£o da LÃ-ngua Portuguesa: pela exÃ-mia arte de transformar figuras de estilo em â€œfiguras de estaloâ€•, ou vice-versa.

SÃ³ falta perceber bem o motivo que presidiu Ã escolha de Fernando Ruas para a atribuiÃ§Ã£o de uma medalha de ouro (ou â€œmedaille dâ€™orâ€• como escreveu um jornal local) por parte da SociÃ©tÃ© AcadÃ©mique des Arts, Sciences et Lettres, com sede em Paris. Para alÃ©m de Fernando Ruas ter confessado a sua perplexidade inicial, nÃ£o vislumbrando motivos para tal honra, lemos num jornal que esta se deveu ao â€œ reconhecimento da promoÃ§Ã£o cultural que as autarquias portuguesas tÃªm feitoâ€•, mas num outro jÃ¡ era atribuÃ-da ao â€œreconhecimento do trabalho desenvolvido pelo autarca em prol do reforÃ§o do poder localâ€•. Em que Ã© que ficamos?...

Outra informaÃ§Ã£o errada num jornal local dizia que Ruas foi o primeiro portuguÃªs a receber a medalha de ouro, quando, na verdade, foi acompanhado por JosÃ© Eduardo Moniz e Zita Seabra. SÃ³ esta selecÃ§Ã£oÂ jÃ¡ diz muito sobre os critÃ©rios desta sociedade acadÃ©mica.

E se, para alÃ©m de lhe darmos uma malha (em sentido figurado, repito; uma malha democrÃ¡tica no dia das eleiÃ§Ãµes), lhe dÃ©ssemos outra medalha: a â€œGrÃ£ Cruz da Ordem de Torre e Pedradaâ€•?Â

Â Â Â

Carlos Vieira e Castro

Â Â Â